



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14518 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT15 - Educação Especial

INTERSECCIONALIDADE DE RAÇA, CLASSE, GÊNERO E DEFICIÊNCIA: ALUNOS COM SINDROME CONGENITA DO ZIKA VIRUS E AS CONDIÇÕES DE DESENVOLVIMENTO

Bárbara Silva dos Santos Pereira - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: Faperj

**INTERSECCIONALIDADE DE RAÇA, CLASSE, GÊNERO E DEFICIÊNCIA:
ALUNOS COM SINDROME CONGENITA DO ZIKA VIRUS E AS CONDIÇÕES DE
DESENVOLVIMENTO**

Resumo: Pautado nos princípios teórico-metodológicos da teoria histórico-cultural, em especial na relação dialética entre a vivência/*perejivânie* e o meio no processo de desenvolvimento, o objetivo deste estudo foi analisar as condições de vida das mães e dos alunos com síndrome congênita do Zika vírus matriculados nas escolas da rede pública municipal da Baixada Fluminense, considerando a interseccionalidade de raça, classe, gênero e deficiência. Utilizamos entrevistas, observações simples e questionário socioeconômico que foram realizados com as mães dos alunos com síndrome congênita do Zika vírus. A partir dos registros das falas dessas mulheres e no diálogo da teoria histórico-cultural com a interseccionalidade, a construção dos dados e análises realizadas consideraram, sobretudo, as ideias: do meio, em sua multidimensionalidade, enquanto fonte de desenvolvimento; e da perspectiva relacional dos fatores sociais no qual os marcadores sociais da diferença são construídos histórica e dialeticamente. As análises apontaram para a necessidade de compreender que fatores como racismo, sexismo e capacitismo afetam as condições de vida

das famílias, sobretudo no desenvolvimento desses alunos. Concluímos que a intersecção dos marcadores sociais da diferença gera experiências singulares de injustiça social.

Palavras-chave: Alunos com deficiência, Síndrome congênita do Zika vírus, Teoria histórico-cultural, Interseccionalidade, Desenvolvimento humano.

As desigualdades estruturam as sociedades, demarcando posições sociais e as condições de vida humana. A constituição do Brasil se deu com base nessa estrutura, na qual as desigualdades moldam as experiências e as formas de viver. Tal condição relega aos grupos que historicamente são aliçados, menores possibilidades de igualdade de direitos e vivências marcadas por processos de discriminações.

Neste sentido, ao pensar nos eixos como pobreza, raça e deficiência, as desigualdades que já estão presentes se tornam evidentes, pois elas se conectam a esses marcadores e afetam os sujeitos de forma múltipla e relacionada. No caso deste estudo, pesquisas sociodemográficas sobre as condições de vida das famílias afetadas pela Síndrome Congênita do Zika Vírus (SCZV), demonstram o quanto é considerável a associação entre a microcefalia e a pobreza, conforme Freitas (2019) aponta.

A SCZV, que levou o nascimento de crianças com deficiências múltipla e outras comorbidades foi ocasionada pela epidemia de Zika vírus (ZIKV), em 2015 no Brasil. Essas crianças foram geradas majoritariamente por mulheres moradoras de regiões periféricas que vivem em condição de pobreza, conforme aponta o *Relatório de avaliação do impacto socioeconômico do vírus Zika na América Latina*, organizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) (BRASIL, 2016).

Sendo assim, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da teoria histórico-cultural, este trabalho teve como objetivo analisar as condições de vida das mães e dos alunos com SCZV matriculados nas creches e pré-escolas regulares da rede pública municipais da Baixada Fluminense (RJ), considerando os marcadores sociais das diferenças como, raça, classe, gênero e deficiência.

A pesquisa é justificada pelo compromisso com a justiça social e a percepção da urgência em tratar um tema relevante nos campos intersetoriais – educacional, social e dos direitos humanos. Corroborando com essa ideia, nos apoiaremos na compreensão de que para um modelo de sociedade mais justo é necessário considerar as intersecção que ocorrem nas relações sociais (TEFERA; POWERS; FISCHMAN, 2018; ARTILES; KOZLESKY, 2019).

Os princípios explicativos da teoria histórico-cultural de Vigotski são significativos para a compreensão das relações sociais e nos ajudam a compreender as complexidades

constituintes da formação social, cultural e psíquica do homem considerando a relação dialética entre a vivência e o meio como fonte de desenvolvimento (VIGOTSKI, 2018). Salientamos que a teoria histórico-cultural se constitui pela “[...] diversidade de possibilidades metodológicas demarcadora de uma postura aberta ao reconhecimento da complexidade do sujeito e realidade de sua condição histórica e plural” (ZANELLA *et al.*, 2007, p. 32).

Aliado a estes pressupostos, também lançamos mão da interseccionalidade como pressuposto metodológico, a fim de propor uma investigação que contemple a interconectividade das relações estruturais de poder na sociedade (ARTILES, 2019). A interseccionalidade é uma ferramenta que nos ajuda a refletir sobre as questões que envolvem a conexão entre os aspectos de capacidade e racialização na educação e na sociedade, dentre outros possíveis eixos que podem afetar o mesmo sujeito (ANNAMMA; CONNOR; FERRI, 2013).

Desta forma, inserida em um projeto interinstitucional e coletivo de pesquisa que desenvolve estudos sobre a saúde, educação e condições de desenvolvimento de alunos com SCZV na região da Baixada Fluminense, nos pautamos em dois instrumentos; entrevistas com as famílias e aplicação do questionário socioeconômico.

Inicialmente, com suporte das gestoras da Educação Especial das redes municipais da Baixada Fluminense, foi elaborado um mapeamento sobre o quantitativo de crianças com deficiências múltiplas e com SCZV matriculadas nas escolas. Deste levantamento, foi criado um banco de dados e o delineamento do estudo.

Posteriormente, foi aplicado um questionário socioeconômico junto as mães dos alunos com SCZV participantes do estudo que tratou de fatores como: renda básica, dados gerais da família, autodeclaração racial, moradia, dentre outros. Por conseguinte, foram realizadas as entrevistas com as famílias, das quais analisamos as entrevistas videogravadas de oito mulheres, cujos filhos têm deficiência múltipla devido a SCZV.

Para construção dos dados e das categorias de análise, nos pautamos nos questionários e nas entrevistas, tendo como lente analítica o referencial teórico-metodológico assumido, em especial: a relação dialética da vivência do sujeito no meio, entrelaçada a ótica da interseccionalidade, na qual sistemas interseccionais de opressão não são estáticos, mas podem se modificar e se articular de formas distintas.

Do material de análise construído encontramos eixos que abordaram sobre as questões raciais, de classe e de gênero, as marcas sociais da deficiência e a importância da escola como propulsora do desenvolvimento.

Foi possível analisar que grande parte das famílias afetadas eram compostas apenas por mulheres e seus filhos, que viviam na margem da pobreza e pertencentes ao grupo de pretos e pardos. Raça e classe se mostraram aliados. Todas as mulheres vivenciam extrema

sobrecarga com todos os cuidados de seus filhos, mesmo aquelas que contavam com a presença dos maridos. Das oito entrevistadas, apenas uma família teve a presença do pai durante a entrevista.

As desigualdades de gênero intensificam a situação de vulnerabilidade dos alunos com SCZV, uma vez que suas mães têm no abandono dos parceiros a solidão, a sobrecarga no cuidado e a responsabilização financeira da família, o que gera mais empobrecimento. Dessa forma a criança, que já vivencia a situação social da deficiência e da pobreza, tem o seu desenvolvimento afetado pela ausência do pai e pela falta de suporte nos cuidados diários e no suprimento de suas necessidades; pelo medo da fome devido à insegurança alimentar, além das limitações no acesso a bens e equipamentos culturais produtores de lazer.

Salientamos que essa análise nos diz que não é por acaso a prevalência de mulheres negras e pobres como as mais afetadas pelas desigualdades sociais, estruturais e econômicas, bem como seus filhos. Esse quadro é estrutural e mantido pelas raízes históricas ainda permanentes na sociedade.

Outra marca encontrada na vida destes alunos foi o capacitismo, em alguns relatos eles foram descritos como incapazes de ter vontades devido à ausência da fala e comprometimentos motores. É interessante pensarmos que estas questões nos dizem o quanto o humano ainda tem suas qualidades medidas por um padrão de capacidade hegemônico. E, além de serem crianças compreendidas como incapazes, elas também são interseccionadas pelo contexto da pobreza e da raça.

Contudo, quando os problemas sociais, como violência, pobreza, desigualdades, são invisibilizados pelo Estado, acabam dificultando ainda mais as chances de aprendizagem dos alunos. A violência que assola o território da Baixada Fluminense afeta, sobretudo, o direito de liberdade e segurança dessas crianças.

Nossas análises apontaram que tais questões confluem para que esses alunos sejam excluídos de seus direitos mais básicos para manutenção da vida, quando são invisibilizados em suas marcas socioculturais e identitárias. O lugar social marcado por raça, classe, gênero e deficiência intensifica a pobreza, acentuando a condição de miserabilidade dessas famílias.

Sobre as possibilidades de desenvolvimento, de acordo com Kassir (2015), interpretamos que a escola é um ambiente propício para viabilizar o aprendizado e promover a participação social dessas crianças. Foi unânime no relato das mães, o papel da escola como potencializadora do desenvolvimento na vida dos alunos. Majoritariamente as mães relataram que seus filhos tiveram avanços positivos na autonomia para a vida social e na interação com as demais pessoas. A escola teve papel fundamental para estas crianças, pois além de ser a instituição mais presente no cotidiano das famílias, estabeleceu vínculos de acolhimento e participação social junto as mães e alunos com SCZV.

Consideramos que questões como a renda, a moradia e a alimentação são

fundamentais para o desenvolvimento das crianças com SCZV, isto é, uma vez que lhes faltam subsídios, sua condição de vida e de desenvolvimento ficam prejudicadas. Destacamos, com isso, a ausência do poder público em promovam ações que subsidiem as necessidades específicas desses alunos.

Encontramos indícios sobre os papéis sociais de gênero como produtores de desigualdades sociais. As falas das mães nos mostraram que o abandono pelos parceiros, a sobrecarga com o cuidado e a intensificação do trabalho da mulher são questões que afetam negativamente as condições de vida das famílias, bem como o desenvolvimento das crianças com SCZV. Essa situação quando vivenciada junto ao racismo possibilita experiências ainda mais desiguais na sociedade.

Concluimos que as múltiplas conexões com relação às discriminações sociais afetam negativamente as condições de desenvolvimento, uma vez que a intensificação da pobreza gera o aumento das vulnerabilidades e a diminuição da expectativa de vida dessas crianças, deixando-as suscetíveis a comorbidades. Sublinhamos que a dinâmica entre racismo, sexismo e capacitismo produziu experiências únicas de opressões, e barreiras no acesso aos direitos dos alunos com SCZV.

REFERÊNCIAS

ANNAMMA, S. A.; CONNOR, D.; FERRI, A. B. Dis/ability critical race studies (DisCrit): Theorizing at the intersections of race and dis/ability. **Race Ethnicity and Education**, v. 16, i. 1, p. 1-31, 2013. Available from: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13613324.2012.730511>. Accessed on: 19 Jul, 2022.

ARTILES, A. J. Inquietações sobre a educação inclusiva no sul global: Um ponto de vista histórico-cultural. **Currículo sem Fronteiras**, v. 19, n. 3, p. 1175-87, 2019. Disponível em: <http://curriculosemfronteiras.org/vol19iss3articles/artiles.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2022.

ARTILES, A. J.; KOZLESKI, E. B.; GONZALES, T. Para além da sedução da educação inclusiva nos eixos EUA: confrontando o poder, construindo uma agenda histórico-cultural. **Revista Teias**, v. 12, n. 24, p. 285-308, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24205>. Acesso em: 19 jul. 2022.

BRASIL. **Boletim Epidemiológico**, n. 37, v. 47, 2016a, p. 5. Disponível em: http://combateaes.saude.gov.br/images/pdf/Virus_Zika_perfil_epidemiologico_em_mulheres. Acesso em: 6 abr. 2022.

FREITAS, P. S. S. Síndrome congênita do vírus Zika: perfil sociodemográfico das mães. **Revista Pan-Americana de Saúde Pública**, n. 43, 2019. Disponível em: <<https://iris.paho.org/handle/10665.2/49776>>. Acesso em: 19 jul. 2022.

KASSAR, M. C. M. O óbvio/silenciado das marcas do humano: comentários sobre os processos educativos escolares, a partir de uma leitura das contribuições de Angel Pino. **Cadernos Cedes**, v. 35, especial, p. 405-18, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/CC0101-32622015V35ESPECIAL154119>>. Acesso em: 15 maio 2022.

TEFERA, A. A.; POWERS, J.M.; FISCHMAN, G. E. Intersectionality in education: a conceptual aspiration and research imperative. **Review of Research in Education**, v. 42, i. 1, p. 7-17, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.3102/0091732X18768504>>. Acessado em: 20 Jul 2022.

VIGOTSKI, L. S. A quarta aula. *In*: PRESTES, Z.; TUNES, E. (org.) **7 aulas de L. S. Vigotski**: sobre os fundamentos da pedologia. Rio de Janeiro: E-papers, 2018.

ZANELLA, A. V.; REIS, A. C. dos; TITON, A. P. URNAU, L. C.; DASSOLER, T. R. Questões de método em textos de Vigotski: contribuições à pesquisa em psicologia. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. 2, p. 25-33, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000200004>>. Acesso em: 20 jul. 2022.